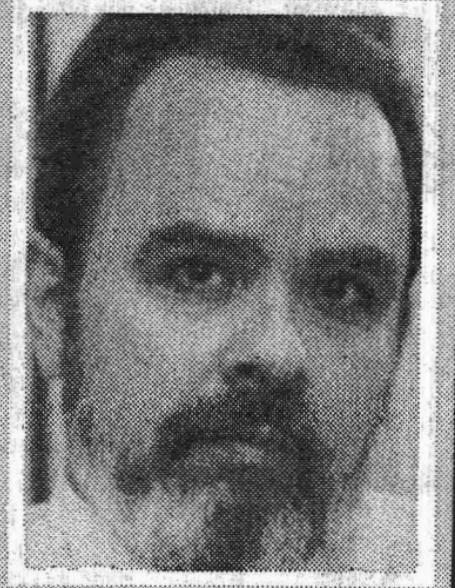


### O índice de desemprego, que anda pelos 4%, poderá chegar aos 8%



A proposta de pacto social feita por empresários e trabalhadores é um escárnio. O que esperar de um país com inflação de 500% que se proponha a aumentar gastos, ampliar o crédito, recompor os salários, aumentar os gastos públicos e reduzir os impostos? Parece brincadeira que isso tenha sido defendido seriamente. Houve, por exemplo, a entrevista de um dos responsáveis pelo documento redigido em São Paulo, dizendo que "ao invés do controle de preços, havia se optado pelo autocontrole de preços". Parece brincadeira. Não há qualquer possibilidade de um plano desses ter sucesso se o governo não propiciar o ambiente adverso adequado. Ninguém vai baixar preços por patriotismo. Alicerçar um plano nisso é uma ineguidade. Só se baixam os preços porque as condições de demanda são adversas ou pelo controle de preços, que no Brasil tem uma experiência pouco entusiasmante.

A decisão de Collor de não recuar é muito importante. Num país com 500% de inflação anualizada, é uma sorte ter um presidente que atribui tal centralidade à idéia de combate à inflação. Não existe política pública, não existe política social, política de investimentos, nada que se possa fazer seriamente se a economia está debaixo de um regime inflacionário de 500% ao ano. Só neste país alguém concebe que é possível fazer essas coisas em paralelo. Não sei quanto tempo o governo vai resistir. Mas talvez esse seja o maior ativo do programa.

Quanto à recessão, sem dúvida ela será muito grande. A economia já está mergulhando de uma forma assustadora. O Brasil se salva pelo fato de que o sistema estatístico é um pouco lento, então as informações aparecem 40 dias depois. Em 91, sem dúvida, os dados de abril em relação

a fevereiro vão ser ainda mais assustadores. As informações atuais, de novembro, são mais informais. Sabe-se que as vendas caíram, mas ainda não houve reflexos na produção industrial, que mantém o ritmo de queda de 8% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Havia uma fantasia de que a recessão seria curta. Depois da estabilização sem dor, veio a fantasia da estabilização com pouca dor. Muita gente pensou: "Assim está bom. Desta vez é para valer, mas em seis meses estaremos limpinhos e fagueiros de novo". Quando constataram que a recessão iria durar mais tempo, começaram a tomar essas decisões sobre desemprego. Não se demite na véspera do Natal, mas, assim que o ano virar, poderá haver uma enxurrada de demissões. Aí, o desemprego, que anda firme na faixa de 4%, pode perfeitamente chegar mais dos níveis de 1981 a 1983, de 8%. Isso pode engrossar a coalizão anti-recessiva, o que é natural, pois ninguém gosta de recessão.

Mas tudo aponta no sentido da importância da capacidade de resistência do governo. A partir de março, se os resultados do combate à inflação não forem inequívocos, corre-se o risco de uma pressão tão forte que o governo poderá ser obrigado a recuar. Seria um desastre. Se a demanda subir de novo numa economia sem estoques, com fábricas semiparalisadas, a capacidade de resposta da oferta é nula e a hiperinflação é um pulo. Esse risco existe. Mas existe uma possibilidade razoável de queda significativa da inflação nos próximos meses, capaz de gerar um círculo virtuoso. Se o governo mostrar que o ajuste fiscal é para valer e a política monetária for menos instável, o governo poderá se apegar a isso para enfrentar a frente anti-recessiva.